

dades interpretativas, do texto da versão portuguesa da Bíblia de Jerusalém (p. 9). Entretanto, a amplitude da lista de línguas pressupostas e a sua profunda diversidade deixam claramente a impressão de que a insistência em declarar que as traduções são directamente feitas a partir do original terá seguramente a ver com os matizes próprios do dinamismo editorial, procurando entusiasmar os leitores, certamente com uma bem justificada intenção pedagógica. A realidade, no entanto, é que, nestes domínios, os mediadores de tradução tornam-se instrumentos praticamente incontornáveis. Basta considerar que, na própria cultura mesopotâmica, aqueles que traduzem directamente do original sumério ou do original acádico representam duas especializações que mutuamente se reconhecem como sendo complementares uma da outra.

O livro é precedido de um extra-texto, como poema epigráfico colocado antes do frontispício do livro, que foca o posicionamento de uma figura demiúrgica em contexto teórico de cosmogonia. A sua citação afigura-se pertinente, mas falta a indicação sobre a identidade e proveniência do texto. Concebido como um serviço pedagógico ao leitor, esta antologia está certamente no caminho pretendido.

José Augusto Ramos

Universidade de Lisboa, Centro de História

FRITZ GRAF (2009), *Apollo. (Gods and Heroes of the Ancient World)*, London, Routledge, xiv+190 pp. ISBN 978-0-415-31711-5 (£20.99).

O oitavo volume da colecção *Gods and Heroes of the Ancient World* é dedicado a Apolo. A colecção editada pela Routledge aposta na divulgação de estudos sobre alguns dos mais importantes deuses do panteão Grego, bem como heróis, destinando-se tanto a um público alargado e iniciante, como a outro mais especializado.

O A. do volume em recensão é Fritz Graf, professor de Grego e de Latim e director do Center for Epigraphical Studies at the Ohio State University, o qual tem vindo a realizar estudos aprofundados no âmbito da religião grega em geral, e do deus Apolo em particular.

A obra inicia-se com um índice e um prefácio assinado por Susan Deacy, a coordenadora da colecção, que insere o leitor nos seus objectivos. Porquê deuses e heróis? É a pergunta que se impõe. Como primeiro argumento, Deacy lembra o fascínio que as figuras mitológicas continuam a exercer sobre as sociedades actuais. Em segundo lugar, é imperativo levar ao conhecimento do público em geral um retrato, que se supõe fidedigno, dos deuses mais importantes da religião grega. Um breve texto, escrito por Fritz Graf, reforça a ideia de que, na base deste estudo, estão vários anos de pesquisa. Segue-se a lista das onze ilustrações utilizadas.

A obra apresenta-se dividida em sete capítulos, agrupados numa secção intitulada “Key Themes”. Estruturalmente, os temas apresentam tratamento idêntico. O assunto principal é alvo de subdivisões, terminando cada exposição com uma breve síntese da matéria tratada pelo A. O volume encerra-se com um epílogo, um guia de futuras leituras, organizado por capítulo, e um índice remissivo.

O primeiro capítulo é composto por quatro subcapítulos, nos quais o A. aborda a presença de Apolo na *Ilíada*, na *Odisseia* e no *Hino Homérico a Apolo*. Fritz Graf analisa o papel do deus durante a Guerra de Tróia, dando exemplos da sua manifestação durante o conflito. As páginas 13 a 16 estão reservadas para o debate sobre as diversas actividades do deus: arqueiro, assassino e curandeiro. Assinalamos o recurso constante às epopeias para ilustrar os feitos de um deus vingativo. O primeiro exemplo é retirado do início da *Ilíada*: o deus sente-se ofendido por não respeitarem Crises, o seu sacerdote, a quem tiraram a filha, Criseida. O episódio revela ao público o lado negro de Apolo. A ira do deus é aplacada através de um ritual, no qual os mortais se submetem aos desígnios de Apolo, reconhecendo o arrependimento da falta. Fritz Graf explica aos leitores a noção de ritual descrevendo as actividades no santuário de Crises. A referência à possível origem anatólica de Apolo é breve, sendo o tema desenvolvido no sexto capítulo. O A. refere os feitos de Apolo nas epopeias homéricas e elucida os leitores sobre os epítetos do deus e os festivais em sua honra. As páginas 21 a 26 estão reservadas a uma breve incursão no *Hino Homérico a Apolo*, utilizando os versos do poema para falar sobre os dois maiores santuários que são dedicados ao deus, Delfos e Delos.

O segundo capítulo é dedicado ao deus músico. O A. retrata, essencialmente, Apolo como deus da música. As relações arco/lira, música/sociedade grega arcaica, lira/flauta são analisadas pelo A., que dá uma visão geral da evolução dos instrumentos e estilos musicais. A referência ao poeta divino e ao canto sagrado do deus abre espaço ao A. para qualificar Apolo como pai de alguns cantores míticos.

O terceiro capítulo revisita os oráculos de Apolo, introduzindo posteriormente uma abordagem aos diferentes tipos de adivinhação na Antiguidade. Um pequeno debate sobre a Pítia, a sacerdotisa do deus, e uma incursão pelas profetisas míticas, das quais destacamos Cassandra e Sibila, encerram o capítulo reservado ao Apolo oracular.

No quarto capítulo, o A. analisa Apolo, o deus da cura. A discussão tem por base as epidemias e a cura proporcionada pelo deus. O A. menciona o Apolo etrusco e o deus curandeiro em Roma e aproveita a imagem do Apolo curandeiro para problematizar a relação entre o deus e Asclépio. São ainda abordadas as noções de poluição e de purificação, bem como as curas milagrosas associadas ao cristianismo.

O capítulo número cinco versa sobre a interacção entre Apolo e a cidade. O A. debate a presença do deus na vida dos cidadãos, em especial na dos jovens que deixam a infância e ingressam na vida adulta, sendo esse um momento assinalado, simbolicamente, pelo corte de uma madeixa de cabelo que será, posteriormente, oferecida a Apolo. Sucintamente, Fritz Graf retrata as interacções, vivências e influências do deus jovem na sociedade grega da Antiguidade.

No capítulo seguinte, o sexto, é tratada a problemática da origem dos rituais e da função dos mitos apolíneos na sociedade grega. Fritz Graf introduz o leitor nas linhas de investigação que, de alguma forma, tentam explicar a evolução de termos e adjectivos que estão na base do fenómeno religioso em torno de Apolo. Ao longo deste capítulo, verificamos que a análise de Graf reflecte a preocupação do A. em provar a antiguidade do deus.

O último capítulo trata o destino de Apolo no pensamento das sociedades posteriores, não tendo escapado ao estudo a apropriação de Apolo pelo cristianismo, bem como a frequente representação do deus na arte ocidental. Completa o estudo uma breve análise dicotómica Apolo/Dioniso.

Ao longo do volume, Fritz Graf dá a conhecer, a um público alargado, a importância de Apolo nos mitos e no culto das sociedades da Antiguidade.

O A. utiliza as fontes para fundamentar a análise elaborada e encaminhar o leitor na compreensão da densa imagem de Apolo.

A obra revela-se de enorme importância e utilidade para quem se interessa pela Antiguidade Clássica, mas que não pretenda envolver-se em excessiva erudição literária. Mas este estudo é simultaneamente uma excelente ferramenta para os estudantes de religião grega.

Como ponto negativo, salientamos a falta de interacção entre as imagens e o texto, limitando-se as mesmas a servirem de ilustração, *tout court*.

Isabel Costa Santos
Universidade de Lisboa

STEPHANIE LYNN BUDIN (2016), *Artemis*. (Gods and Heroes of the Ancient World), London/New York, Routledge, xi+184 pp. ISBN 978-0-415-72541-5 (85£).

Stephanie Budin's *Artemis* is the most recent addition to the Routledge Gods and Heroes of the Ancient World series. When considering a "biography" of Artemis there are certain alarms that start ringing: the goddess does not have a strong presence in ancient literary sources, is almost absent from the Homeric texts and has no relevance in tragedy, with the exception of Euripides' *Hippolytus*. This pattern is also visible in modern scholarship where Artemis is considerably outshined by the study of several other divinities,